

#189

# Os concertos do Jazz em Agosto

## Dia Calouste Gulbenkian Exposições, filmes e concertos no Jardim de Verão

 FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN



## 5

### Dia Calouste Gulbenkian

A entrega dos Prémios Gulbenkian 2017 e a realização de dois concertos de entrada gratuita vão marcar, no **dia 20**, as celebrações do Dia Calouste Gulbenkian. A Orquestra Gulbenkian atua, no final da cerimónia de entrega de prémios, no Anfiteatro ao Ar Livre e, à noite, Gisela João sobe ao palco do Grande Auditório para um concerto que encerra também a programação do Jardim de Verão.



GISELA JOÃO © D. R.

## 8

### Novos talentos em matemática

Numa altura em que se realiza, na Fundação Gulbenkian, a Escola de Verão do Programa Novos Talentos em Matemática, de **24 a 28 de julho**, José Mourão e Tiago França, uma dupla (tutor e aluno) criada no âmbito deste programa, dão o seu testemunho sobre esta iniciativa que distingue, anualmente, estudantes universitários com um elevado mérito académico. Subordinada ao tema *Algebraic Topology*, a Escola de Verão vai reunir alunos e professores do programa e também prestigiados convidados internacionais.

## 16

### "Tudo se desmorona"

A participação de Portugal na I Grande Guerra é evocada por meio de uma série de iniciativas onde se destaca a exposição *"Tudo se desmorona": impactos culturais da Grande Guerra em Portugal*. Organizada em seis núcleos temáticos, a mostra reúne documentos inéditos, fotografias, desenhos e obras de arte que mostram algumas dimensões da Guerra que ficaram esquecidas. Pedro Aires de Oliveira, um dos curadores da exposição, fala, em entrevista, dos pontos fortes desta exposição.



JANE BIRKIN E SERGE GAINSBURG © D. R.

## 24

### Concertos no Jardim de Verão

São muitas as propostas musicais oferecidas, este mês, pelo Jardim de Verão, muitas delas a decorrer no palco do Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação. Entre os concertos programados destacam-se The Secret Trio uma formação nova-iorquina que cruza várias tradições musicais (7 julho, 21h), a atuação da icónica Jane Birkin para, com a Orquestra Gulbenkian, cantar os clássicos de Serge Gainsbourg (14 julho, 21h) e ainda a cantora guineense Eneida Marta que cruza os ritmos da sua região com o jazz (15 julho, 21h).



ADRIANO DE SOUSA LOPES (1879-1944), RETRATO DE SOLDADO FERIDO DO BATALHÃO DE INFANTARIA 29 (BRIGADA DO MINHO), 1918

# Índice



HUMAN FEEL ©SCHINDELBECK

## 28

### Jazz em Agosto

Músicos dos dois lados do Atlântico juntam-se nesta 34.<sup>a</sup> edição do Jazz em Agosto para apresentar algumas das propostas mais inovadoras do jazz contemporâneo. O saxofonista Steve Lehman abre o festival no dia **28 de julho**, seguindo-se nomes como David Torn, Julien Desprez, Steve Lehman, Peter Brötzmann & Heather Leigh, Susana Santos Silva, Sudo Quartet, Starlite Motel, The Fictive Five, Pedro Sousa e Pedro Lopes, Human Feel e Dave Douglas. Em duas breves entrevistas, Julien Desprez e Susana Santos Silva falam sobre o estado do jazz atual e sobre o trabalho que apresentam neste festival.

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#189 – JULHO 2017 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA – THE DESIGNERS REPUBLIC – IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO – DDLX / REVISÃO DE TEXTO – RITA VEIGA / CAPA – ANFITHEATRO AO AR LIVRE © MÁRCIA LESSA / IMPRESSÃO – GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM – 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BÉRNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN.PT

### Notícias

- 4** Fundo de apoio a vítimas dos incêndios
- 5** Dia Calouste Gulbenkian
- 6** Descoberto novo mecanismo protetor contra a sépsis
- 7** IGC com três cientistas na EMBO
- 8** Novos Talentos em Matemática
- 10** Escola de Verão no IGC
- 11** Dez anos de parceria NOS Alive-IGC
- 12** Criatividade e cultura para conviver com os conflitos
- 13** Hack for Good

### Aconteceu

- 14** O sucesso de Almada

### Exposições

- 16** “Tudo se desmorona”: impactos culturais da Grande Guerra em Portugal
- 20** Escultura em filme
- 22** Emily Wardill
- 23** Helmut Federle: matéria abstrata

### Música

- 24** Os concertos do Jardim de Verão
- 28** Jazz em Agosto

### Cinema

- 32** Os filmes do Jardim de Verão

### Eventos

- 34** Atividades para todas as idades no Jardim de Verão

### Leituras

- 36** A Inclusão de Migrantes e Refugiados: o papel das organizações culturais

### Ambientes

- 38** Sons no silêncio

## Fundo de apoio a vítimas dos incêndios da região centro



© D.R.

O fundo especial de 500 mil euros criado pela Fundação Calouste Gulbenkian para apoiar as populações das regiões afetadas pelo incêndio de trágicas proporções que deflagrou numa área florestal em Pedrógão Grande e que se alastrou aos concelhos de Figueiró dos Vinhos e Castanheira de Pêra, no mês passado, foi já substancialmente ampliado por meio de vários contributos vindos da sociedade civil. As duas empresas de papel, Altri e Navigator, decidiram apoiar as vítimas dos incêndios, através de uma doação de um milhão de euros dos quais meio milhão foram destinados a este fundo especial de apoio; também a Caixa Geral de Depósitos abriu recentemente uma conta solidária cujo valor será doado à União das Misericórdias sob monitorização deste fundo criado pela Fundação.

Recorde-se que desde o primeiro momento da tragédia, a Fundação acompanhou e avaliou a situação no terreno, através da União das Misericórdias Portuguesas, de modo a poder prestar um rápido apoio às organizações da sociedade civil da região em condições de dar resposta às necessidades que foram sendo identificadas.

Este incêndio teve consequências devastadoras, matando 64 pessoas e ferindo quase duas centenas, provocando uma profunda consternação na sociedade portuguesa e suscitando uma onda de solidariedade por parte da sociedade civil nacional e internacional.

---

# Dia Calouste Gulbenkian

*Para assinalar a data em que Calouste Gulbenkian morreu em Lisboa, aos 86 anos, serão entregues a 20 de julho os Prémios Gulbenkian 2017. Neste dia, haverá ainda dois concertos, um com a Orquestra Gulbenkian e outro com a fadista Gisela João, de entrada gratuita.*

A cerimónia de entrega dos Prémios Gulbenkian inicia-se às 18h, no Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação. O Prémio Calouste Gulbenkian, que distingue pessoas singulares ou coletivas que se tenham destacado internacionalmente na defesa e na concretização dos direitos humanos, este ano será entregue na área dos refugiados. O vencedor, escolhido entre 38 candidatos por um júri internacional presidido por Jorge Sampaio, terá um prémio no valor de 100 mil euros.

Os Prémios Gulbenkian Coesão, Sustentabilidade e Conhecimento, no valor de 50 mil euros cada, serão entregues aos vencedores das diferentes áreas, escolhidos entre as 272 candidaturas recebidas. O júri nacional é presidido por António Feijó e integra Henrique Leitão, Miguel Tamen, Sofia Guedes Vaz, João Ferrão, Teresa Mendes e Paula Guimarães.

No encerramento desta cerimónia, pelas 19h, a Orquestra Gulbenkian, dirigida por José Eduardo Gomes e com os solistas Agostinho Sequeira (percussão) e Haïg Sarikouyoumdjian (duduk), interpretam obras de Jennifer Higdon e de Ludwig van Beethoven, num concerto de entrada gratuita.

Às 21h30, Gisela João sobe ao palco do Grande Auditório para cantar fados de *Nua*, o disco que lançou no final do ano passado. Neste concerto, que marca também o encerramento do Jardim de Verão, Gisela João presta homenagem a algumas das suas grandes referências musicais – Amália Rodrigues, Beatriz da Conceição, Argentina Santos, Chavela Vargas e Cartola – e dá voz às palavras de alguns poetas da atualidade – como a *rapper* portuguesa Capicua ou a poetisa Ana Sofia Paiva.

Os concertos são de entrada gratuita, sujeita ao levantamento de bilhete e à lotação dos espaços.



DIA CALOUSTE GULBENKIAN 2016 © MÁRCIA LESSA

---

# Descoberto novo mecanismo protetor contra a sépsis

*Num estudo publicado na revista científica Cell, uma equipa de investigação liderada por Miguel Soares do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) descobriu um novo mecanismo que tem um efeito protetor contra a sépsis, um grave problema de saúde que resulta de uma resposta descontrolada do corpo a uma infeção generalizada, com alterações no normal funcionamento de órgãos vitais.*

Os pacientes com sépsis têm respostas muito diversas à infeção, que dependem não só do tipo de infeção, mas também das suas características genéticas, de outras doenças e da idade. Um mistério há muito por resolver prende-se com o facto de apesar de o uso de antibióticos conseguir controlar os micro-organismos que causam infeção, alguns pacientes sucumbem enquanto outros recuperam. Ao longo dos últimos cinco anos, a equipa de investigação liderada por Miguel Soares tem proposto o conceito de que os indivíduos que não sucumbem à sépsis desenvolvem uma resposta protetora que mantém a função dos órgãos vitais, conferindo tolerância à infeção.

Utilizando modelos experimentais de sépsis em ratos, a equipa de Miguel Soares descobriu agora que o controlo do metabolismo do ferro é necessário para manter a produção de glucose no fígado, de modo a que este açúcar possa ser usado como fonte de energia para outros órgãos. Este mecanismo é vital para conferir a tolerância à sépsis. Na base deste mecanismo está a ferritina, uma proteína que controla o ferro no fígado. Os investigadores observaram que esta proteína é absolutamente necessária para que o fígado produza glucose depois da infeção, de modo a que os níveis de glucose no sangue sejam

mantidos dentro de um limite que permita a sobrevivência do rato à sépsis.

“Este é um bom exemplo de como a investigação fundamental sem um interesse comercial imediato, conduzida num ambiente multidisciplinar como é o caso do Instituto Gulbenkian de Ciência, pode ter um impacto global no tratamento de uma doença séria. A nossa missão é fazer descobertas de modo a que possam vir a ser traduzidas em tratamentos para doenças importantes”, diz Miguel Soares.

A sépsis afeta mais de 18 milhões de indivíduos por ano, correspondendo a 14,00 mortes por dia. Só na Europa e nos Estados Unidos da América, estima-se que haja 135 mil e 215 mil mortes por ano, respetivamente.

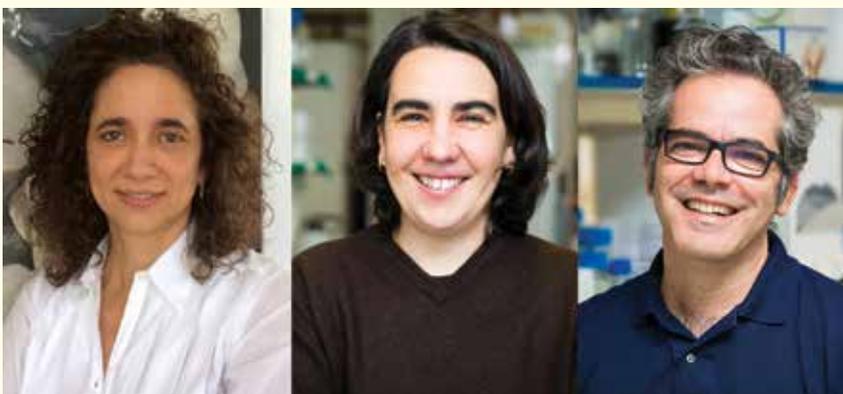
O estudo foi conduzido no Instituto Gulbenkian de Ciência em colaboração com o Jena University Hospital (Alemanha) e a Université Claude Bernard Lyon (França). Este trabalho foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal), pelo Programa Harvard Medical School Portugal, pelo Conselho Europeu de Investigação, pela Deutsche Forschungsgemeinschaft, pelo Ministério de Educação e Investigação Federal alemão, pela Agência Nacional de Investigação Francesa, e pela Medical Research Foundation.

# IGC com três cientistas na EMBO

*Paula Duque, Isabel Gordo e Miguel Soares, investigadores principais no Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) foram eleitos membros da Organização Europeia de Biologia Molecular (European Molecular Biology Organization – EMBO). Ter no mesmo ano três cientistas da mesma instituição selecionados para integrar a EMBO é um acontecimento raro nas instituições científicas.*

A EMBO é uma das mais prestigiadas organizações de ciência a nível mundial, apoiando cientistas em diferentes fases da sua carreira e trabalhando para criar um ambiente a nível europeu que reúna as melhores condições para o desenvolvimento de investigação científica de excelência na área das ciências da vida. Todos os anos, esta organização reconhece o mérito e a excelência do trabalho desenvolvido por alguns cientistas, elegendo-os como novos membros que passam assim a ter uma voz ativa nas várias iniciativas da EMBO, inclusive em recomendações para políticas de ciência.

Os três cientistas do IGC agora eleitos têm já uma vasta carreira dedicada à investigação em diferentes áreas da Biologia. Paula Duque lidera o grupo de Biologia Molecular de Plantas, que estuda os mecanismos moleculares de perceção e resposta das plantas ao stress ambiental.



OS INVESTIGADORES PAULA DUQUE, ISABEL GORDO E MIGUEL SOARES © IGC

Isabel Gordo coordena o laboratório de Biologia Evolutiva, onde o seu grupo estuda os processos que permitem às bactérias adaptarem-se no contexto de ecossistemas como sejam o intestino ou as resistências a antibióticos.

Miguel Soares, líder do grupo Inflamação, estuda mecanismos que regulam a inflamação com um interesse específico pelos mecanismos desencadeados durante as interações hospedeiro-micro-organismos.

Este ano, a EMBO elegeu 65 novos membros que se juntam a um grupo de mais de 1700 dos melhores investigadores da Europa e do mundo. Além dos três investigadores do IGC agora eleitos, outros 15 cientistas que trabalham em Portugal são também membros desta organização, entre os quais Jonathan Howard, diretor do IGC, Mónica Bettencourt Dias, também investigadora do IGC, e Maria do Carmo Fonseca, presidente do Instituto de Medicina Molecular.

---

# Novos Talentos em Matemática

## A oportunidade de abrir horizontes

*José Mourão e Tiago França são tutor e aluno, uma dupla criada no âmbito do programa Novos Talentos em Matemática que distingue, anualmente, estudantes universitários que evidenciem um elevado mérito académico, com o objetivo de estimular o gosto, a capacidade e a vocação de pensar e investigar em Matemática. Ao longo de 17 anos, o programa apoiou cerca de 250 alunos e deu origem à publicação de cerca de uma dezena de artigos de Matemática em revistas científicas internacionais por alunos dos primeiros anos de Licenciatura.*

O programa destina-se a estudantes que frequentemente, numa universidade portuguesa, um dos três primeiros anos de um curso (licenciatura ou mestrado integrado) com uma forte componente em Matemática. Os participantes são selecionados por concurso e a cada concorrente selecionado é atribuída uma bolsa de mérito de 250 euros por mês durante 10 meses. Ao longo deste período, espera-se dos participantes no Programa que, sob a orientação de tutores especialistas na área, realizem um trabalho de estudo aprofundado, participem ativamente num programa de seminários e/ou se iniciem na investigação em Matemática.

**Tiago França**, estudante do 3.º ano de Engenharia Física e Tecnológica no Instituto Superior Técnico, foi um dos bolsistas da edição de 2016 do Novos Talentos em Matemática. Apesar de a sua área ser a Física, a Matemática é um dos seus grandes interesses, pelo que decidiu candidatar-se ao programa, que ainda lhe permitiria usufruir de uma bolsa e enriquecer o currículo. "Achei que não queria perder uma oportunidade de fazer um projeto extra ao longo do ano, que não me ia roubar muito tempo e sempre era mais alguma coisa que podia ir fazendo. Aprendo e também lucro com isso em vários aspetos."

Com a tutoria de **José Mourão**, professor catedrático do Departamento de Matemática do IST, Tiago está a fazer investigação sobre o integral de caminho de Feynman. "É um formalismo que vem da Física, da Mecânica Quântica, e estamos a olhar para as relações entre isso e a Matemática", explica. "É uma ferramenta que serve para produzir resultados em Física e noutras ciências, mas que nem sempre está bem definida matematicamente", acrescenta o professor.

Sobre este trabalho a dois, a gratificação parece ser mútua, e a cumplicidade entre ambos é visível. Esta é já a quarta tutoria de José Mourão no âmbito do programa e as experiências têm sido de sucesso. "Para os tutores é sempre muito estimulante lidar com alguns dos melhores alunos do país. São sempre novos desafios, e são formas de nós aprendermos também. Normalmente damos aos alunos coisas que queremos aprender, para eles nos



TIAGO FRANÇA E JOSÉ MOURÃO © MÁRCIA LESSA

ensinarem.” Já para Tiago, a experiência tem sido uma agradável surpresa. “Surpreendeu-me pela cumplicidade que é possível desenvolver com um professor. Tenho aprendido imenso e vou percebendo progressivamente o que o professor espera de mim, e o professor também é sempre compreensivo naquilo que eu posso e não posso fazer, e quanto longe posso ir com o tempo que tenho.”

Ambos são de opinião que estas bolsas são essenciais para permitir aos alunos uma abordagem ao trabalho de investigação que não existe de outra forma ao longo do curso. Segundo José Mourão, “um programa como o da Gulbenkian, que acompanha os alunos nos primeiros anos do curso, desempenha um papel muito importante porque lhes mostra que há essa opção [da investigação] e que essa opção poderá ser do interesse deles”: “Com a experiência que têm com diferentes pessoas, eles acabam por perceber até quais são as áreas de que gostam mais ou menos, e isso é algo difícil de substituir. Ao contrário do que se faz no estudo usual, em que são tudo problemas que já foram resolvidos e cujas soluções podem ser estudadas e aprendidas, neste tipo de investigação científica não temos um livro onde ir buscar as respostas. A maior parte do tempo andamos um pouco às escuras, e a ideia é pôr os alunos num ambiente de investigação e prepará-los para isso, para essa situação diferente do estudo que é a investigação. O Programa tem tido uma influência muito significativa no percurso dos matemáticos (e não só) portugueses jovens mais brilhantes formados depois de 2000.”

Numa altura em que os estudantes são obrigados a decidir o seu percurso académico cada vez mais cedo, o Novos Talentos da Matemática parece ser uma oportunidade de “abrir horizontes” e “conhecer coisas diferentes, ir um bocadinho mais além e aprender além das suas capacidades”, razões pelas quais a experiência tem sido positiva para Tiago, que se diz ainda “superindeciso” sobre o percurso a seguir. Por agora, a ideia é fazer o mestrado em Londres, e a investigação é algo para o qual se sente inclinado no futuro. “Sempre gostei de investigar, de procurar coisas novas, por isso acho que vai ser mais ou menos este o caminho, e o que eu tenho feito aqui é não mais do que isso.”

De 24 a 28 de julho realiza-se na Fundação Gulbenkian a Escola de Verão do programa Novos Talentos da Matemática, sob o tema *Algebraic Topology*, com a presença de alunos e professores do programa, mas também de prestigiados professores internacionais desta área.

# Escola de Verão no IGC



ESCOLA DE VERÃO 2015 © IGC

Animais e plantas vivem em comunidade e estabelecem interações estáveis com um grande número de micróbios. Esses micróbios simbióticos influenciam em grande parte a fisiologia do hospedeiro, desde a nutrição ao comportamento. Por esta razão, o estudo da biologia de animais e plantas tem que considerar as perspectivas funcionais e evolutivas destes simbiontes microbianos. É este o tema da Escola de Verão *Host-microbe symbioses: from functional to ecological perspective*, organizada este ano por Karina Xavier e Luís Teixeira, investigadores do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), e que se realiza entre **9 e 21 de julho** no *campus* do IGC, em Oeiras. A Escola de Verão é financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação Volkswagen, tendo ainda o apoio da instituição alemã *Wissenschaftskolleg zu Berlin*.

Destinada a estudantes de doutoramento, esta Escola de Verão irá receber 30 estudantes de toda a Europa e contará com a participação de cientistas líderes no campo de interação hospedeiro-micro-organismos, com uma ampla gama de abordagens e ferramentas para ajudar os alunos a definir os seus futuros interesses de investigação.

Em paralelo, três dos investigadores envolvidos na Escola de Verão, Luís Teixeira, Vojtech Novotny e Nancy Moran, vão participar numa conferência pública, com entrada livre, intitulada *Os insetos à nossa volta: diversos, úteis e letais*, a qual se realiza a 18 julho, às 18h, no Auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian, integrada na programação do Jardim de Verão.

---

# Dez anos de parceria NOS Alive-IGC



OS JOVENS CIENTISTAS NOS ALIVE-IGC QUE FORAM SELECIONADOS DESDE O INÍCIO DA PARCERIA ENTRE O IGC E A EVERYTHING IS NEW © IGC

Nos dias 6, 7 e 8 de julho, o Instituto Gulbenkian de Ciência volta a marcar presença no recinto do NOS Alive'17, dando a oportunidade aos festivaleiros de conhecerem alguma da ciência feita no Instituto, através de conversas com cientistas, jogos e atividades científicas. Este ano, a presença do IGC no NOS Alive é marcada pela comemoração do 10.º aniversário da parceria entre o Instituto e a Everything is New, promotora do festival NOS Alive. Além da participação no festival, esta parceria resultou no estabelecimento do programa de bolsas de investigação NOS Alive-IGC, tendo já financiado 14 jovens cientistas no início da sua carreira de investigação.

O primeiro dia do festival coincide também com a abertura do concurso para mais duas bolsas de investigação NOS Alive-IGC. Estas bolsas dão a oportunidade a jovens portugueses recém-licenciados de desenvolverem, durante um ano, um projeto de investigação com uma equipa do IGC, com um período de trabalho numa instituição estrangeira. À semelhança do ano passado, o IGC disponibiliza a concurso três projetos de investigação em diferentes áreas científicas: genética de doenças, biologia do comportamento e modelação matemática em biologia. Os dois candidatos selecionados terão a possibilidade de escolher qual o projeto que querem desenvolver. O período de candidaturas termina a 31 de agosto.

Atualmente, os Jovens Cientistas NOS Alive-IGC que foram selecionados em anos passados encontram-se a desenvolver projetos de mestrado, doutoramento e pós-doutoramento em diversas instituições nacionais e internacionais.

# Criatividade e cultura para conviver com os conflitos

A Fundação Calouste Gulbenkian está entre os parceiros do novo projeto de cooperação europeu “4Cs: From Conflict to Conviviality through Creativity and Culture”, recentemente aprovado pela Comissão Europeia.

Cofinanciado pela Europa Criativa (subprograma Cultura) e coordenado pela Universidade Católica Portuguesa, o 4Cs combina investigação e práticas de produção artística e cultural para refletir e atuar sobre formas emergentes de conflito. O projeto, que decorrerá a partir deste mês e até julho de 2021, pretende contribuir para a responsabilização das instituições artísticas e culturais no seu papel de agentes sociais com o poder de promover a união de culturas diversas, através de atividades como exposições, residências artísticas, *filmscreenings*, laboratórios de mediação, *workshops*, conferências, publicações, uma plataforma online e uma summerschool. Além de Portugal, instituições de outros países como Suécia, Alemanha, Reino Unido, Espanha, Lituânia, Dinamarca e França farão parte deste projeto com o mote “Europe: a site of hospitality and conviviality”. A Fundação Calouste Gulbenkian participará através da organização conjunta de uma exposição e de um laboratório de mediação. A exposição, cujo título provisório é *From conflict to conviviality: Aimée Zito Lema: Reenvisioning the Global*, será o resultado do trabalho desenvolvido por Aimée Zito Lema, um dos artistas em residência na Rua das Gaiotas 6, em Lisboa, também parte deste projeto. O conceito por trás da exposição será a noção de planetaridade, cunhada por Gayatri Chakravorty Spivak (2003) e desenvolvida pelo artista e pelas curadoras Ana Cachola, Daniela Agostinho e Luísa Santos. Já o Laboratório de Mediação, *Understanding conflict* (título provisório), a desenvolver em parceria com a Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Ciências Humanas e com a Plataforma de Apoio a Refugiados em Portugal,



MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN — COLEÇÃO DO FUNDADOR © D.R.

envolverá também a seleção de um artista português e até 35 jovens adultos participantes. O ponto de partida será uma seleção de obras das duas coleções do Museu Gulbenkian, muito diferentes no tempo e nas suas origens culturais, a partir da qual serão debatidas questões como a migração, conflitos de vizinhança e mudança da comunidade. A ideia principal é promover novas formas de olhar as coleções através de um público transcultural (nativos e migrantes visitantes), abrindo o Museu a um público atualmente sub-representado, de forma a explorar o potencial intercultural das coleções e a reconhecer o papel ativo e fundamental dos mediadores do Museu para a reinterpretção das coleções de arte numa perspetiva intercultural.

---

# Hack for Good

## App que liga migrantes e médicos voluntários venceu a 2ª edição

Desenvolvido durante a maratona digital de impacto social dedicada a melhorar a vida dos refugiados, que a Fundação Calouste Gulbenkian promoveu nos dias 24 e 25 de junho, o projeto CURA, uma aplicação móvel que permite conectar de forma anónima os migrantes, em particular as mulheres, com médicos voluntários venceu a 2ª edição do Hack for Good. Esclarecer questões de saúde, recorrendo a imagens que ajudem na tradução e preservando o anonimato dos “pacientes”, é o objetivo deste projeto sem fins lucrativos, que cria uma rede de médicos voluntários credenciados.

A aplicação CURA conseguiu angariar dezenas de médicos voluntários, logo durante as primeiras 15 horas da maratona digital que durou dois dias. A equipa do projeto explica que esta aplicação é especialmente vocacionada para mulheres porque “normalmente elas são o centro da saúde das famílias”, diz Daniela Seixas, médica neurorradiologista e porta-voz do grupo que junta competências complementares: duas médicas, uma advogada, uma engenheira e uma designer de interfaces. Conheceram-se pouco antes do arranque da maratona, com o apoio da comunidade “Portuguese Women in Tech” e unidas pelo desejo comum de participar no Hack for Good, uma iniciativa que pretende colocar a tecnologia ao serviço da resolução de problemas sociais. A equipa das cinco mulheres levou para casa um prémio de cinco mil euros, bem como licenças de acesso às plataformas Microsoft e IBM, entre outras regalias tecnológicas.

Em segundo lugar, ficou o projeto Share your meal, uma plataforma web que promove o encontro entre famílias migrantes e famílias de acolhimento através da partilha de refeições, criando



HACK FOR GOOD © D.R.

uma rede de suporte informal. E, em terceiro lugar, ficou o Icon Speech, uma app gratuita que recorre a iconografia testada para, através de imagens, criar uma linguagem universal que permita quebrar barreiras de comunicação.

Distribuídas por 37 equipas, mais de 150 pessoas, com idades entre os 18 e os 55 anos, participaram na 2ª edição do Hack for Good, que teve o apoio do Alto Comissariado para as Migrações e do Techfugees. A iniciativa irá voltar a realizar-se, com a possibilidade de se estender ao resto do país, nomeadamente a Coimbra e ao Porto, anunciou a presidente da Fundação Calouste Gulbenkian Isabel Mota no encerramento da maratona digital.

## O sucesso de Almada

A exposição José de Almada Negreiros. Uma maneira de ser moderno recebeu **135 mil visitantes**, tendo sido uma das exposições de arte mais visitadas de sempre na Fundação Gulbenkian. A mostra esteve patente entre os dias 3 de fevereiro e 5 de junho e reuniu mais de quatro centenas de obras do artista, muitas delas nunca anteriormente expostas. No último fim de semana, a exposição abriu as portas até à meia-noite, recebendo mais de sete mil pessoas. No sábado, em jeito de despedida, alguns textos emblemáticos de Almada Negreiros foram lidos por Luís Lucas e Nuno Moura e obras de Erik Satie foram tocadas pela pianista Joana Gama junto à escadaria do *foyer*, onde centenas de pessoas aguardavam, na fila, a sua vez de entrar na Sala de Exposições. À noite, no Jardim das Rosas, um DJ convidou à dança as pessoas que passavam pelo bar da Fundação.

No último dia da mostra, segunda-feira, foram ainda muitas as pessoas que se deslocaram à Fundação para visitar a exposição dedicada a este artista ímpar que se afirmou como um dos rostos mais emblemáticos do modernismo português. Daniel Bueso, de 38 anos, natural de Braga e a viver em Lisboa, foi o último visitante a entrar na sala. Este piloto de profissão pensava mesmo que tinha perdido a exposição, mas, ao ler o jornal nesse dia de manhã, percebeu que as portas estariam ainda abertas e não deixou escapar a oportunidade, acabando por ser o último a entrar. Tal como muitos milhares de outros visitantes foi atraído pela fama de um artista do qual conhecia sobretudo as obras criadas para os edifícios públicos, visíveis um pouco por toda a cidade.

Com curadoria de Mariana Pinto dos Santos, historiadora de Arte e investigadora integrada do Instituto de História de Arte da Universidade Nova de Lisboa, em colaboração com Ana Vasconcelos (conservadora do Museu Calouste Gulbenkian), esta exposição deu a ver a imensidade de linguagens artísticas que Almada experimentou ao longo da sua vida, revelando as suas pesquisas matemáticas e geométricas em pintura, as obras em espaço público na cidade de Lisboa, o carácter de narrativa gráfica que se encontra em vários dos seus trabalhos, o diálogo com o cinema e a extraordinária importância do autorretrato na sua obra, entre muitos outros aspetos do seu trabalho.





LÚIS LUCAS A LER TEXTOS DE ALMADA NEGREIROS © CARLOS AZEVEDO



RECITAL DE JOANA GAMA © CARLOS AZEVEDO

## “Tudo se desmorona” Impactos culturais da Grande Guerra em Portugal

*Integrada na programação do Jardim de Verão, esta exposição evoca um acontecimento centenário que deixou profundas marcas na sociedade portuguesa: a participação do país na I Grande Guerra.*

Organizada em seis núcleos temáticos, a mostra reúne documentos inéditos evocativos dos acontecimentos, das mudanças e das tendências sociais e culturais ocorridas neste período. Estarão também expostas fotografias de Joshua Benoliel e de Arnaldo Garcez, desenhos de Adriano Sousa Lopes, pintor oficial do Corpo Expedicionário Português na Flandres, ilustrações de Almada Negreiros, Emmerico Nunes e António Soares, e ainda obras de Amadeo, Robert Delaunay, Jorge Barradas, Leal da Câmara e Hein Semke.

A mostra enquadra-se numa iniciativa mais vasta que incluiu uma série de conferências e uma leitura encenada realizadas no mês passado, e que prossegue este mês com um ciclo de cinema e três concertos no Anfiteatro ao Ar Livre.

**Pedro Aires de Oliveira**, professor e investigador do Instituto de História Contemporânea (IHC) da Universidade Nova de Lisboa, é um dos responsáveis por esta iniciativa, que procura reconstituir os impactos culturais e sociais do conflito à luz de investigações recentes. Aires de Oliveira é também comissário da exposição juntamente com Carlos Silveira, investigador no Instituto de História de Arte da UNL, e Ana Vasconcelos, conservadora do Museu Calouste Gulbenkian. Mostrar hoje algumas dimensões da Guerra que ficaram esquecidas é um dos pontos fortes da exposição, como diz Pedro Aires de Oliveira nesta breve entrevista.

### **Qual é o objetivo principal desta iniciativa dedicada à Grande Guerra apresentada na Fundação Gulbenkian?**

O objetivo fundamental é o de chamar a atenção do público para dimensões da Grande Guerra que até aqui têm permanecido menos exploradas. Desde que este centenário começou a ser assinalado, ou até antes, tivemos exposições que procuravam explicar as razões de ser da beligerância portuguesa, enquadrando-a em termos políticos e diplomáticos, e depois abordando aspetos específicos da nossa participação nos teatros de guerra europeu e africano, sempre com uma forte ênfase na vertente militar. O desafio que nos foi lançado para este efeito foi o de conferir visibilidade a outro tipo de vivências, acontecimentos e protagonistas. O visitante encontrará informação, objetos e imagens alusivos à experiência das trincheiras, por exemplo, mas também ficará com uma noção de como é que várias personalidades e movimentos da sociedade portuguesa – escritores, artistas plásticos, *socialites*, sindicalistas, médicos – se posicionaram no contexto da mobilização do país para a Guerra, a qual, como sabemos, estava longe de ser bem compreendida por largos sectores da população. Em suma, procura-se reconstituir os impactos culturais e sociais do conflito e suscitar uma reflexão acerca de uma época que nos continua a interpelar muito diretamente.

## Existem investigações recentes que tenham contribuído para um novo olhar sobre este período?

As grandes efemérides acabam sempre por ser uma importante alavanca para o desenvolvimento das investigações em História. Desde o centenário da Primeira República têm existido vários estímulos para novas pesquisas em relação a este período, uma vez que a Guerra foi um ponto de viragem na vida do regime. No caso da Grande Guerra em particular, alguns centros universitários, como o Instituto de História Contemporânea ou o Centro de Investigação da Academia Militar, e a própria Comissão para a Evocação do Centenário, têm patrocinado iniciativas que procuram dar conta de outras vivências do conflito, para lá das operações militares e das manobras político-diplomáticas. Sabemos agora muito mais acerca dos esforços empreendidos para tratar e reintegrar os antigos combatentes (e dos seus dramas pessoais), ou das disputas em torno das iniciativas de memorialização dinamizadas por vários sectores políticos e sociais. No domínio da História da Arte, passámos a dispor de um trabalho de referência sobre Adriano Sousa Lopes e uma tese de doutoramento (a publicar em breve), da autoria de um dos comissários da exposição, Carlos Silveira.

## De que modo a entrada de Portugal na Grande Guerra se refletiu na vida social e política portuguesa?

As consequências da beligerância foram tremendas, tanto a curto como a médio prazo. Ao contrário do que os partidários da intervenção pretendiam, a decisão de enviar tropas para França tornou-se uma questão altamente divisiva na sociedade portuguesa. Desde logo, não conduziu à reunificação da “grande família” republicana – o Governo da chamada “União Sagrada” era constituído apenas por dois dos três partidos republicanos mais relevantes, o que o impediu de reclamar a condição de governo de unidade nacional. As contrapartidas económicas negociadas com os britânicos para a nossa participação não foram suficientes para mitigar os sacrifícios e privações provocados pelo conflito. Donde, em poucos meses o regime estava socialmente isolado, tendo de lidar com um impressionante surto de greves e tumultos. Em maio de 1917 – o mês das primeiras aparições da Virgem –, o exército estava a carregar contra os populares em Lisboa que se tinham entregado a ações de pilhagem, uma verdadeira revolta de fome. No fim do ano, dá-se o golpe de Estado de Sidó-



CAPA DA REVISTA ABC PUBLICITANDO O BRISTOL CLUB, 1927 (ILUSTRAÇÃO DE JORGE BARRADAS) © COL. MUSEU NACIONAL DO TEATRO E DA DANÇA / DGPC, LISBOA

nio Pais que, numa fase inicial, é bem acolhido pelas organizações operárias. Mas os efeitos da nossa participação prolongam-se muito para lá do termo do conflito. Muita gente sentiu que se estava a viver não apenas uma época de sobressalto político e económico, mas de subversão de crenças e valores. As fortunas feitas com a guerra, por um lado, e as consequências do surto inflacionário, por outro, causaram um abalo profundo nas estruturas sociais e nas mentalidades – e daí o título da exposição *Tudo se Desmorona*, uma citação de um poema de Yeats (*The Second Coming*) que exprime o sentimento de angústia de muitos europeus face às convulsões que acompanharam o fim das hostilidades. Procurámos dar conta destas facetas em vários núcleos – por exemplo, nas referências ao universo dos *nightclubs* e aos estilos de vida menos convencionais que lhes estavam associados, ou à crítica social que o teatro veicula em relação ao novo-riquismo característico dos anos 1920.

## E que impacto teve na vida cultural portuguesa da época, em particular na arte?

O impacto foi assinalável em vários domínios, embora não na mesma escala e intensidade que se verificaram noutros países europeus. Um fenómeno típico desta conjuntura foi a mobilização de artistas para exaltar e documentar o esforço de guerra, num registo onde a arte e a propaganda se confundiram. Em Portugal, o Ministério da Guerra contratou, em 1917, duas figuras que fixaram a imagem que ainda hoje perdura entre nós acerca do conflito: o pintor Sousa Lopes e o fotógrafo Arnaldo Garcez, muito representados nesta exposição. Mas procurámos trazer outros nomes menos conhecidos do grande público, como José Joaquim Ramos, autor de um poderoso tríptico, *Tropa de África*, inspirado na sua experiência como militar no Sul de Angola. Também convocámos artistas que operaram num plano

não oficial – por exemplo, Amadeo de Souza-Cardoso, cuja obra *A Entrada* tem sido interpretada como uma referência à participação portuguesa na Guerra (e ao episódio da acusação de espionagem da pintora Sonia Delaunay, então refugiada em Portugal), ou o alemão Hein Semke, um veterano de guerra de convicções pacifistas que se radicou no nosso país em finais dos anos 1920.

Para lá das artes visuais, os ecos da Guerra manifestaram-se noutros registos – o teatro, a música popular, a literatura memorialística. Talvez aqui se encontre, aliás, uma veia mais crítica e satírica, não só em relação ao militarismo e ao nacionalismo, mas também à atmosfera arrivista que se viveu no pós-guerra – as memórias de Raul Brandão são, a este respeito, exemplares.

## Cem anos depois ainda se encontram ecos desta memória na sociedade portuguesa?

Sem dúvida que sim, mas possivelmente serão poucos os portugueses que lhe são sensíveis. Em termos de transmissão oral, a memória da Grande Guerra ainda perdura nas famílias de antigos combatentes. Por vezes há diários, cartas, fotografias, medalhas, ou outros objetos pessoais. Infelizmente, só mais recentemente é que se realizaram esforços concertados para identificar, registar ou digitalizar esses acervos – o IHC, por exemplo, tem sido um dos organismos empenhados em resgatar essas memórias. Mas noutros países europeus, o envolvimento dos cidadãos na investigação da experiência de guerra dos seus antepassados está muitíssimo mais desenvolvido, já para não falar dos investimentos que foram feitos em memoriais e centros interpretativos dedicados ao conflito. Outro veículo importante para a memória da Guerra são os mais de 80 padrões e monumentos edificados, sobretudo, entre os anos 1920 e 1940. Até que ponto o seu simbolismo é inteligível para grande parte da população no início do século XXI, isso já será outra conversa. Ao contrário de outros países, onde o armistício é ainda hoje assinalado com enorme solenidade, a 11 de novembro, em Portugal nunca foi possível consensualizar uma data que fosse percebida como o marco simbólico do nosso envolvimento no conflito. O que certamente diz algo acerca da natureza profundamente divisiva da nossa participação.



AMADEO DE SOUZA-CARDOSO (1887-1918), SEM TÍTULO [ENTRADA], C. 1917.  
MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN / COLEÇÃO MODERNA © JOSÉ MANUEL COSTA ALVES



STILL DE O MILAGRE DE TANCOS, PORTUGAL NA 1.ª GUERRA MUNDIAL, DE FERNANDO ROSAS

## Imagens da Grande Guerra

No âmbito desta iniciativa, realiza-se de 3 a 6 de julho, sempre às 19h, um ciclo de cinema intitulado “Imagens da Guerra”. Dos combates iniciais nas colónias africanas à partida do Corpo Expedicionário Português para a Flandres, as primeiras reportagens filmadas captam a realidade de milhares de jovens portugueses mobilizados para o combate, e deixam documentada a experiência do recrutamento, do treino, da partida para a frente, do quotidiano trágico das trincheiras, do trauma do cativo e do regresso. O ciclo inicia-se com *O milagre de Tancos, Portugal na I Guerra Mundial*, de Fernando Rosas, após o qual haverá uma conversa com o realizador, moderada por Rui Vieira Nery (3 julho). Seguem-se *Lutaram como Diabos: Barcelos na Grande Guerra*, de Carlos Araújo, e *À Porta da História – Jaime Cortesão*, de Jorge Paixão da Costa (4 julho); *A Arte de ir à Guerra Mundial*, de José Carlos Oliveira (5 julho) e, finalmente, *João Ratão*, de Jorge Brum do Canto (6 julho).

Haverá ainda três concertos no Anfiteatro ao Ar Livre protagonizados pela **Banda da Armada** (2 julho), a **Banda Sinfónica do Exército** (9 julho) e a **Banda de Música da Força Aérea Portuguesa** (16 julho), de entrada gratuita.

---

## “TUDO SE DESMORONA”: IMPACTOS CULTURAIS DA GRANDE GUERRA EM PORTUGAL

Curadoria: Pedro Aires de Oliveira, Carlos Silveira e Ana Vasconcelos

*Edifício Sede – Galeria do Piso Inferior*

**Até 4 de setembro**  
**Entrada gratuita**

---

# Escultura em Filme

## *The Very Impress of the Object*

*Esta exposição explora o surpreendente fascínio que a escultura antiga tem vindo exercer sobre a arte contemporânea, sobretudo na área do filme. Sete artistas internacionais foram convidados a apresentar obras que testemunham este interesse, muitas das quais filmadas em museus europeus ou nos seus espaços de reservas.*

A artista **Rosa Barba** explorou precisamente as reservas dos Museus Capitolinos, em Roma, localizadas nos subúrbios da cidade, uma zona sem visitantes nem qualquer informação relativa às peças. Este espaço é notável pela sua luminosidade e Barba usa a luz como forma de ativar a escultura, trazendo-a de volta à vida. A sensação de imobilidade é um aspeto notável do seu filme, que parece permitir verdadeiramente que as esculturas recuperem a sua aura após um descanso prolongado.

A obra de **Fiona Tan**, incluída nesta exposição, deteve-se num museu notável que se assemelha, ele próprio, a uma reserva: o Sir John Soane's Museum, em Londres. A singularidade deste filme reside no modo como a artista torna a escultura pictórica. O título, *Inventory*, remete não apenas para a variedade da coleção deste museu, como também para a própria multiplicidade de câmaras usadas por Tan — leves ou pesadas, fixas ou móveis —, que dão origem a olhares distintos sobre as esculturas. Os olhares das câmaras são, em geral, mais prolongados do que o olhar dos visitantes, oferecendo mais tempo de fruição.

Em contraste com as esculturas filmadas por Rosa Barba e Fiona Tan, o filme de **Mark Lewis** foi realizado no Museu do Louvre e centra-se numa obra famosa, *Hermafrodita Adormecido*, exigindo que o observador circule completamente à sua volta. Trata-se de um exercício de contemplação, em que, tal como noutros trabalhos do artista, a câmara parece andar à procura de algo, como se tentasse encontrar o seu devido lugar. De todos os artistas aqui apresentados, o seu olhar é, talvez, o mais “escultural” sobre a escultura.

O projeto da dupla **Lonnie van Brummelen & Siebren de Haan** incidiu sobre o friso de Pérgamo do Pergamonmuseum, em Berlim. Os artistas tiveram no entanto de encontrar outras formas de o representar, por lhes ter sido interdita a possibilidade de o filmar. Essa proibição permitiu-lhes encontrar o tema da sua obra, que reside na história diversificada da sua reprodução, e na questão da propriedade dessas imagens. Ao procurarem uma reprodução completa (a qual só era possível em diferentes escalas), os artistas revelam as várias formas como esta peça foi documentada ao longo do tempo com diferentes iluminações, câmaras e coloração.



LONNIE VAN BRUMMELEN & SIEBREN DE HAAN, MONUMENT TO ANOTHER MAN'S FATHERLAND: REVOLT OF THE GIANTS — RECONSTRUÍDO A PARTIR DE REPRODUÇÕES, 2008–2009, STILL DE FILME

Finalmente, a obra de **Anja Kirschner & David Panos**, *Ultimate Substance*, reflete sobre as origens dos artistas, alemã e grega, e sobre a relação entre os seus dois países durante a crise financeira de 2008. As circunstâncias do momento, combinadas com um interesse prolongado sobre questões relativas ao valor e à troca, levaram-nos a entender a Acrópole como sendo o banco em relação ao Lavrio, a mina a 40 quilómetros de Atenas que fornecia o metal precioso para a cunhagem. A outra alusão clássica trazida pela mina é a da caverna, tal como descrita por Platão no livro VII de *A República*, onde os prisioneiros tomam as sombras projetadas nas paredes pela realidade.

---

**ESCULTURA EM FILME.  
THE VERY IMPRESS OF THE OBJECT**

Curadoria: Penelope Curtis

*Edifício Sede – Galeria Principal*

**14 julho – 2 outubro**  
**Entrada gratuita**

---

# Emily Wardill. *Matt Black and Rat*



MATT BLACK AND RAT © EMILY WARDILL

Nesta sua primeira exposição individual em Lisboa, a artista britânica Emily Wardill apresenta, no Espaço Projeto da Coleção Moderna do Museu Calouste Gulbenkian, um conjunto de obras da sua produção mais recente. Com o enigmático título *Matt Black and Rat*, Wardill mostra dois filmes, uma série de relevos escultóricos e um conjunto de fotogramas produzidos especificamente para este espaço. Um dos filmes, *I gave my love a cherry that had no stone* foi realizado no final do ano passado na Fundação Gulbenkian e explora a relação entre uma câmara de filmar e uma pessoa em que a câmara assume um carácter humano e a pessoa a tecnologia da máquina. O outro filme, *No Trace of Accelerator*, apresentado na Sala Polivalente, foi coproduzido no contexto de uma parceria entre o Museu Calouste Gulbenkian e a Bergen Kunsthall, remetendo para uma série de incêndios misteriosos ocorridos em França nos anos 1990.

---

## **EMILY WARDILL. MATT BLACK AND RAT**

Curadoria: Rita Fabiana

*Museu Calouste Gulbenkian  
– Coleção Moderna  
Espaço Projeto e Sala Polivalente*

**Até 28 agosto  
Entrada gratuita**

---

# Helmut Federle: Matéria Abstrata

## [Pinturas e Cerâmicas]



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © CARLOS AZEVEDO

---

### HELMUT FEDERLE: MATÉRIA ABSTRATA

Curadoria: Jorge Rodrigues

*Museu Calouste Gulbenkian  
– Coleção do Fundador e Galeria  
do Piso Inferior*

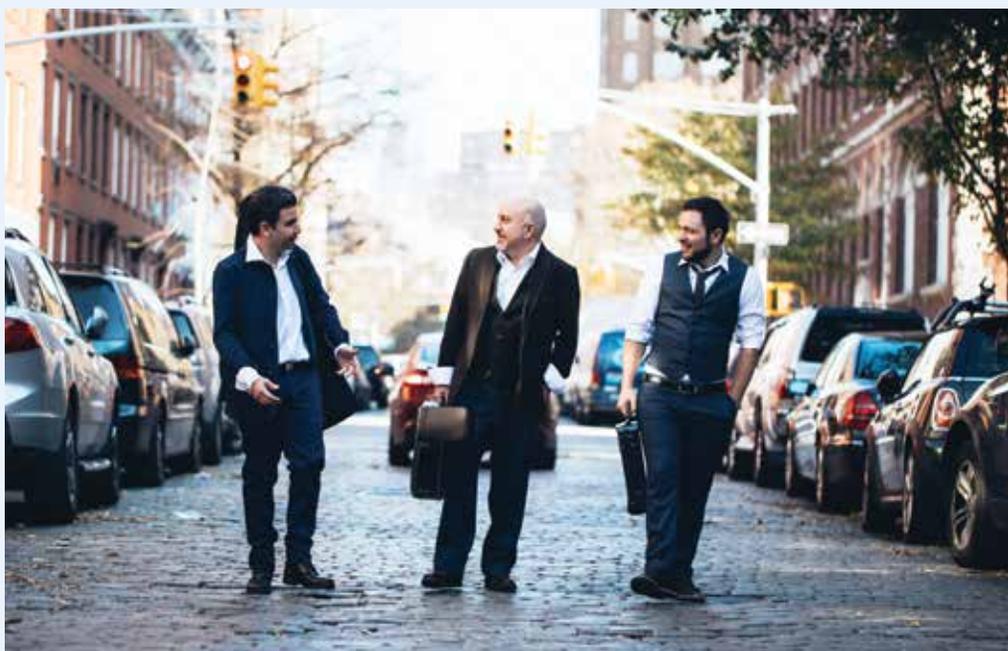
**Até 18 setembro**

Viajante, pintor e colecionador, o suíço Helmut Federle apresenta-se, pela primeira vez em Portugal, numa mostra singular em que as suas pinturas são mostradas lado a lado com cerâmicas da sua coleção e com peças do Museu Calouste Gulbenkian. As cerâmicas japonesas e marroquinas, sobretudo do século XVII, da coleção de Federle protagonizam com as cerâmicas safávidas da Coleção do Fundador um sugestivo diálogo, que “transcende as duas coleções, criando um outro nível de conhecimento”, nas palavras do artista.

Federle, que normalmente não expõe os objetos da sua coleção, não se vê como um colecionador típico. O seu gosto por viajar e o profundo interesse por civilizações ancestrais esteve na base de uma coleção constituída fundamentalmente por peças das culturas islâmica, japonesa e americana (central e do sul), todas elas com “raízes mitológicas profundas e um intenso significado interior”. Edmund de Waal, escritor e ceramista, autor do aclamado livro *A lebre com olhos de âmbar* e um profundo conhecedor da tradição cerâmica japonesa, escreveu um texto sobre as peças de Federle incluído no caderno desta exposição.

## Os concertos no Jardim de Verão

*A programação do Jardim de Verão termina a 20 de julho com o concerto de Gisela João, que assinala também as comemorações do Dia Calouste Gulbenkian (ver p. 5). Até lá, há muitas e boas propostas para vir até à Fundação e ouvir vários estilos e projetos musicais.*



© D.R.

### **The Secret Trio** 7 de julho, 21h, Anfiteatro ao Ar Livre

Pela primeira vez em Portugal, este trio vem de Nova Iorque para revelar o seu "segredo", apresentando uma coleção de temas originais e de melodias tradicionais do Médio Oriente, incorporando as batidas de dança dos Balcãs e elementos do jazz, do rock e da música clássica. Com ascendência turca, macedónia e arménia, respetivamente, o trio é formado por Tamer Pinarbasi, proeminente tocador de kanun (instrumento de cordas) e também membro dos New York Gypsy All-Stars; Ismail Lumanovski, mestre do clarinete, com uma importante carreira a solo e como músico de câmara; e Ara Dinkjian, um dos maiores intérpretes do oud (instrumento de cordas) a nível mundial, conhecido como fundador do inovador quarteto de etno-jazz Night Ark.



PROJETO ENOA © MÁRCIA LESSA

## Aberturas e Árias de Ópera 8 julho, 21h, Grande Auditório

Seis maestros em início de carreira – entre os quais o português José Eduardo Gomes e o polaco Jan Wierzba, que cresceu e vive em Portugal – participam no *workshop* para jovens maestros promovido pelo ENOA – European Network of Opera Academies, sob direção do maestro italiano Carlo Rizzi. Depois da Bélgica e da Holanda, o *workshop* termina em Portugal, na Fundação Gulbenkian, onde se realiza a última fase deste projeto e o concerto final com os seis maestros a dirigir a Orquestra Gulbenkian no Grande Auditório. A entrada é gratuita, sujeita à lotação do espaço.

## FRONTE(I)RA 9 julho, 16h, vários locais

Tendo como mote a relação entre criação contemporânea e a música tradicional, compositores, músicos e realizadores de Portugal, Espanha e França desenvolveram um projeto multimédia com direção artística de Denis Gautheryrie, que resulta num espetáculo acerca das tradições culturais de um lado e do outro da “fronteira” da Península Ibérica. Este concerto “promenade”, que reúne o grupo Soli-Tutti (doze cantores) e o Ensemble Instrumental de Castelo Branco (duo de violoncelo e contrabaixo, viola beiroa, acordeão, guitarra portuguesa), tem quatro momentos, com início na Coleção do Fundador, passando pelo Jardim e terminando no Edifício da Coleção Moderna. Entrada gratuita, sujeita à lotação dos espaços.



© D. R.



© CAROLE BELLAÏCHE

## **Birkin: Gainsbourg Sinfónico** **14 julho, 21h, Anfiteatro ao Ar Livre**

Neste espetáculo em estreia em Portugal, a icónica Jane Birkin celebra com emoção e intensidade os clássicos de Serge Gainsbourg, com arranjos para orquestra do pianista japonês Nobuyuki Nakajima, que a acompanhará em palco. Do repertório deste concerto fazem parte duas dezenas de temas, como *La Javanaise*, *Jane B*, *Babe alone in Babylone*, *La Chanson de Prévert*, *Requiem pour un con*, *Initiales BB*, *My Lady Heroine* ou *Lost Song*, que Jane Birkin vai interpretar em versão sinfónica com a Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro Jan Wierzba.



© PEDRO PINA

**Eneida Marta**  
**15 julho, 21h, Anfiteatro ao Ar Livre**

Nascida numa época auspiciosa em que a Guiné-Bissau se preparava para declarar a sua independência, a cantora guineense Eneida Marta canta a liberdade, o amor, e outras coisas importantes da vida. Cruzando os ritmos do gumbé, um estilo de música local, com o jazz, Eneida Marta constrói uma sonoridade única com referência a nomes clássicos da música guineense como José Carlos Shewarz, Ernesto Dabo ou Zé Manel, entre outros. No Jardim Gulbenkian, será acompanhada por um quarteto acústico com piano/guitarra, kora, percussão e baixo, revisitando temas do seu repertório com novos arranjos.



© D.R.



**10 anos Orquestra Geração**  
**16 julho, 19h, Grande Auditório**

Inspirado no El Sistema venezuelano, desde 2007 que em Portugal o programa Orquestra Geração leva a música a crianças e jovens, com o apoio inicial da Fundação Gulbenkian, fazendo da arte uma ferramenta de inclusão social. Neste concerto, a Orquestra Juvenil Geração é dirigida pelo maestro venezuelano Ulyses Ascanio, fundador da Orquestra Teresa Carreño de Caracas, na interpretação de um repertório que atravessa diferentes épocas e correntes musicais e onde se incluem obras de Shostakovich, Ginastera, Freitas Branco, Saint-Saëns e Tchaikovsky. A receita de bilheteira deste espetáculo reverte integralmente para a Associação das Orquestras Sinfónicas Sistema Portugal.

# Jazz em Agosto 2017



PETER BRÖTZMANN & HEATHER LEIGH © DAWID LASKOWSKI

A partir de 28 de julho começa a 34.<sup>a</sup> edição do festival Jazz em Agosto no Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian. Este ano são 14 concertos ao longo de dez dias com um conjunto de propostas relevantes do jazz contemporâneo internacional que reflete as mudanças de linguagem do jazz e a sua componente multidirecional.

O festival começa com **Sélébéyone**, de **Steve Lehman** no dia **28 de julho** às 21h30, uma proposta que junta as linguagens do jazz e do hip-hop e que conta com a participação dos *rappers* HPrizm (Antipop Consortium) e Gaston Bandimic (do Senegal).

A este alinhamento seguem-se o norte-americano **David Torn**, no projeto **Sun of oldfinger**, secundado por Tim Berne e Chess Smith (**29 de julho**), e o músico francês **Julien Desprez** (ver entrevista na página a seguir), como membro da **Coax Orchestra** (**30 de julho**), dois guitarristas inovadores e pontos de referência incontornáveis. Também no dia **29**, pelas 18h30, **Steve Lehman** atuará a solo do espaço do Museu – Coleção Moderna e, no dia **30**, será a vez de **Julien Desprez** no Auditório 2 (18h30).



DAVE DOUGLAS © AUSTIN NELSON

Dos concertos no Anfiteatro ao Ar Livre, que se realizam sempre às 21h30, destacam-se ainda o duo **Peter Brötzmann & Heather Leigh (31 de julho)** e a trompetista portuguesa **Susana Santos Silva** (ver entrevista na pág. 31) acompanhada por Lotte Anker, Sten Sandell, Torbjörn Zetterberg e Jon Fält (**1 de agosto**). Os dias **2 e 3 de agosto** são marcados por atuações de dois quartetos, mestres da improvisação livre: o **Sudo Quartet** (Carlos Zín-garo, Joëlle Léandre, Sebi Tramontana e Paul Lovens) e os **Starlite Motel** (Kristoffer Berre Alberts, Ingebrigt Håker Flaten, Gard Nilssen e Jamie Saft), respetivamente.

No dia **4 de agosto** atuam no Anfiteatro os **The Fictive Five**, o grupo dirigido por **Larry Ochs** (que inclui Ken Filiano, Nate Wooley e Harris Eisenstadt) cuja música busca inspiração nas obras de William Kentridge, Wim Wenders e Kelly Reichardt. Pelas 18h30 do mesmo dia, **Pascal Niggenkemper** estará no Auditório 2. No sábado, **dia 5**, segue-se uma atuação dos portugueses **Pedro Sousa e Pedro Lopes**, com **EITR**, às 18h30 na Coleção Moderna; e às 21h30, sobe ao palco do Anfiteatro o grupo **Human Feel**, composto por Andrew D'Angelo, Chris Speed, Jim Black e Kurt Rosenwinkel. **Dave Douglas** encerra o festival no dia 6 de agosto com o projeto **High Risk**, acompanhado por Jonathan Maron, Mark Guiliana e Rafiq Bhatia, numa abordagem pioneira ao jazz eletrónico que será um dos pontos altos da programação.

Os bilhetes para o festival têm preços entre os 12 e os 20 euros, sendo possível adquirir um "passe anfiteatro" válido para todos os espetáculos no Anfiteatro ao Ar Livre por 100 euros, ou ainda um passe para os concertos dos fins de semana (29, 30 e 31 de julho ou 4, 5 e 6 de agosto) a 35 euros. Os concertos no Museu – Coleção Moderna e no Auditório 2 têm entrada gratuita.

## Dois músicos e o jazz atual

O Jazz em Agosto'17 evidencia um campo vasto de contágios entre géneros e linguagens, destacando um conjunto plural de músicos que ultrapassam barreiras geográficas e trabalham em conjunto diferentes influências e direções para forjar novas associações e maneiras de pensar o jazz. Julien Desprez e Susana Santos Silva falam, nestas entrevistas, sobre o estado do jazz atual e sobre o trabalho que apresentam este ano no festival.

---

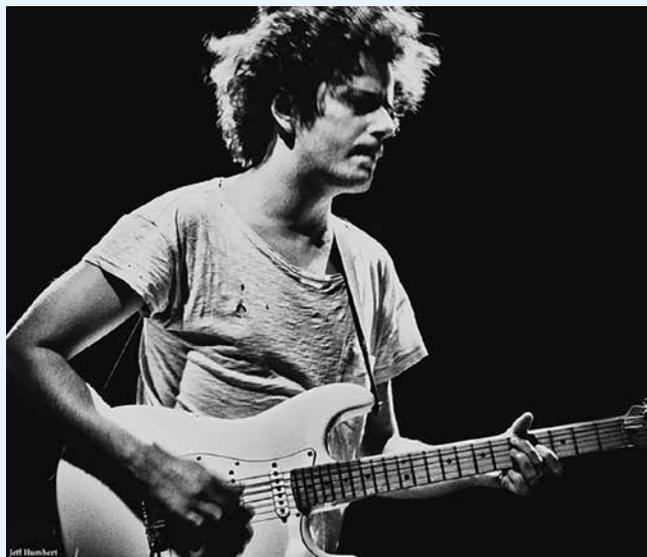
## Julien Desprez

“O Acapulco Redux é mais uma performance do que um espetáculo de música ao vivo”

### Como caracteriza o jazz atual a nível mundial e como se enquadra nesse contexto fazendo parte de um núcleo auto-organizado de jovens músicos franceses?

O jazz contemporâneo hoje está numa situação engraçada! Primeiro, não me considero a mim e ao Coax Collective como um músico de jazz ou um coletivo jazz. De certa forma, somos “amigos” do jazz, mas não somos realmente jazz.

Quando o jazz foi criado, aproximadamente há cem anos, o seu valor estava em expressar-se o mais honestamente possível, ser criativo e apropriar-se do instrumento musical que foi feito pelo opressor... quero dizer, o poder dos homens brancos. Há de certeza outros valores no jazz, mas esses foram os que me foram inculcados pelo professor Patricio Villaroel quando estava na escola de jazz. Cem anos depois, esses valores estão um pouco por toda a parte e são também os valores do liberalismo (liberta-te, sê criativo, tens de te apropriar da tua própria ferramenta para ser criativo...). Então, os valores que antes correspondiam a uma minoria e a uma posição de luta hoje estão numa posição completamente oposta: estão em toda a parte e a música não está numa posição difícil... Relacionando com a cena da arte Queer e LGBT, por exemplo. Acredito que as coisas e a estética musical precisam de limites para existir. Quero dizer, podemos definir algo por si só, mas também precisamos de algo a opor-se em frente, que não é o jazz por exemplo, para definir esse algo. São precisas duas entradas para definir algo. Assim, as minhas principais questões são: qual é o significado do jazz quando o seu processo se torna algo maior na sociedade? Como pode o jazz continuar a existir quando os seus valores se espalham por todo o lado? Qual será a sua próxima transformação?



JULIEN DESPREZ © SYLVAIN GRIPOIX

### Como descreve o projeto Acapulco Redux que vai apresentar no Jazz em Agosto'17?

O Acapulco Redux é mais uma performance do que um espetáculo de música ao vivo. Esta performance joga com o espaço, o corpo, a luz e o som para escrever um espetáculo enérgico e epilético. Trabalhei durante um ano com o coreógrafo Gregory Edelein para o criar. O foco principal desta performance é o jogo com a realidade, brincar com o que se vê, com o que se ouve, criar uma dúvida sobre o que se vê e ouve, sobre o que se sente, para colocar o público numa posição em que não consegue entender completamente o que está a acontecer. Então, desliga o cérebro e vive este espetáculo como uma experiência pura!

### Já participou por duas vezes no Jazz em Agosto (Fire!Orchestra e Eve Risser White Desert Orchestra). O que significa para si um festival com estas características?

Estou muito feliz por tocar no Jazz em Agosto! Gosto de Lisboa, da energia da cidade, e do público do festival. Para mim, o Jazz em Agosto é mais um festival sobre música nova do que um verdadeiro festival de jazz. E eu gosto disso! É muito bom fazer parte disso.

---

## Susana Santos Silva

“O desafio maior é encontrar o nosso espaço, a nossa voz no meio de tudo”

### Considera a decisão de radicar-se na Europa do Norte importante na evolução da sua carreira artística? A que se deve tal opção?

A decisão de me mudar para Estocolmo teve uma componente pessoal muito importante, mas, em grande parte, assenta no facto de ter encontrado na Escandinávia, e nomeadamente em Estocolmo, uma comunidade artística muito forte e com a qual me identifico muito, musicalmente. Tem sido uma experiência fantástica fazer parte dessa comunidade e ter oportunidade de tocar com muitos músicos que já eram uma fonte de inspiração para mim e outros que tenho encontrado pelo caminho. Têm sido tempos particularmente interessantes porque alguns convites estimulantes têm surgido, e muito pelo facto de me ter sediado em Estocolmo.

### Tem mantido contacto com outros músicos portugueses. Como descreve a situação do jazz feito em Portugal na atualidade?

Tenho mantido contacto com os músicos ligados à Porta-Jazz (continuo a fazer parte do Coreto) e à Sonoscopia, e espero que essas ligações se mantenham porque são importantes para mim. Há mais e mais músicos em Portugal a fazer um trabalho importante e de qualidade, há um desenvolvimento natural a acontecer e, a pouco e pouco, acho que vai começando também a haver uma maior abertura dos músicos a outras músicas que não as que eles próprios fazem. E isso só pode ser positivo e enriquecedor para a música que é feita em Portugal.

### O quinteto “escandinavo” tem tido diversas solicitações para tocar em festivais internacionais e é com ele que marcará a sua estreia no Jazz em Agosto. Entre o formato mais intimista, a solo ou em duo, e uma formação como esta, qual é para si neste momento o desafio mais estimulante?



SUSANA SANTOS SILVA © CHRISTER MÄNNIKUS

Os desafios são diferentes para cada formação, mas igualmente estimulantes. O solo é duro, principalmente para um instrumento como a trompete. Num concerto a solo não há rede, não há fontes de inspiração externas, estamos sós e a nu e isso pode ser doloroso, o encontro connosco próprios. Mas, ao mesmo tempo, a liberdade é total e se confiarmos no que temos para dizer pode ser uma experiência quase catártica. O duo é uma das minhas formações favoritas, é como uma conversa intimista, olhos nos olhos, sem lugar para dispersões e sem espaço para esconderijos. No caso de uma formação mais alargada, como este quinteto, o desafio maior é encontrar o nosso espaço, a nossa voz no meio de tudo o que se está a acontecer. Há que haver muita confiança e respeito pelos outros músicos e ao mesmo tempo não termos medo de arriscar. A história tem que ser contada pelos cinco em conjunto e isso nem sempre é fácil de gerir, especialmente tendo em conta que ninguém sabe de antemão qual é a história, como começa, como acaba ou quem é quem. Se bem que quando chamei a este quinteto *Life and Other Transient Storms* e escolhi estes músicos para tocar comigo foi mais ou menos como ter composto a música e escrevê-la em papel. Não podia ter escrito melhor guião!

## Os filmes do Jardim de Verão

*Na programação do Jardim de Verão há ainda a oportunidade de ver vários filmes portugueses, de realizadores apoiados pela Fundação Gulbenkian, e dois outros filmes inéditos em Portugal.*



### ***My Grandfather's Music***

**7 julho, 19h, Sala Polivalente** Entrada gratuita

Inspirado numa viagem que fez a Istambul em 2010, o realizador de ascendência arménia Eric Nazarian estreia na Fundação Gulbenkian o documentário *My Grandfather's Music*, que explora as histórias orais dos mestres de oud arménios que restam do século XX, cruzando-as com a história de um artesão turco que fabrica instrumentos de corda, tais como o oud. O oud é um instrumento em forma de figo com um som diferente de qualquer outro instrumento de cordas, que ao longo do tempo viajou por toda a Arménia e Médio Oriente e sobre o qual pouco se sabe no Ocidente.



BALADA DE UM BATRÁQUIO, DE LEONOR TELES

---

**A Gulbenkian e o Cinema Português**  
**8, 9, 10, 17 julho, 19h, Sala Polivalente**  
Entrada gratuita

O ciclo de cinema que mostra o trabalho de criadores nacionais apoiados pela Fundação Gulbenkian prossegue em julho, com filmes de Miguel Gomes (*Redemption*, 2013), de Gabriel Abrantes e Ben Rivers (*O Corcunda*, 2016) e de Patrick Mendes (*Os Sonâmbulos*, 2014), entre outros. Destaque ainda para a projeção da curta-metragem *Balada de um Batráquio*, sobre os sapos de cerâmica que se encontram à porta de lojas e cafés, uma prática comum em Portugal que visa afastar pessoas de etnia cigana destes estabelecimentos. Com este filme de 11 minutos, Leonor Teles (Vila Franca de Xira, 1992) fez história no ano passado, ao tornar-se na mais jovem realizadora a receber o Urso de Ouro no Festival de Berlim.



***The Art and Science of Travelling***  
**19 julho, 21h, Sala Polivalente** Entrada gratuita

Realizado por Alaa Abi Haidar, cientista de dados com doutoramento em Sistemas Complexos que procura na fotografia e na “cronofotografia” (cinema) abordagens para questões a que a ciência não consegue responder, o filme *The Art and Science of Travelling* abre a porta a uma infinidade de técnicas e perspetivas de viagem, com o corpo, a mente e o espírito. Segundo os cientistas, todos viajamos há 13,8 mil milhões de anos como átomos e vibrações desde a formação do universo. Para os filósofos orientais, temos viajado de uma vida para outra. Numa escala espaço-temporal diferente, viajamos enquanto meditamos, lemos, ouvimos música ou até enquanto desfrutamos de um gole de café...

## Atividades para todas as idades no Jardim de Verão



BEATRIZ BATARDA © D.R.

### Leituras encenadas

7 e 14 de julho, 19h

Escadaria da Zona de Congressos

Entrada gratuita

Inspirada nas cartas de Amílcar Cabral à sua mulher, *Sozinho, com Amor* (14 julho) é um espetáculo encenado por Beatriz Batarda, que procura encontrar os ecos que o fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) imprimiu na memória direta e indireta das nossas histórias, através do som de cada voz e de cada corpo.

“Deve ser este o famoso Tarrafal, que reabriu quando mandaram para cá os angolanos”, escrevia Luandino Vieira em agosto de 1964, quando foi colocado no campo de concentração, vindo da Luanda onde desafiara a ditadura. “Parece um sonho vir cá parar.” São notas, emoções, reflexões, factos e apontamentos como este, “bocados de nós próprios”, que Jorge Silva Melo encena para o espetáculo *Tenho trinta anos, estou na cadeia há quatro, alguns “Papéis da Prisão” de Luandino Vieira* (7 julho).

### Atividades para famílias

Lullabies da Arménia

e Danças Populares da Arménia

8 e 9 julho

No Jardim das Ondas (relvado), as manhãs (a partir das 10h) serão dedicadas às canções de embalar tradicionais da Arménia, transmitidas de geração em geração, em vários dialetos locais. Nesta oficina, em que são bem-vindos pais com os seus bebés, propõe-se um canto coletivo que desperta as emoções mais íntimas, ajudando a descobrir a nossa voz natural e os pequenos fios de ligação humana que se tecem neste ritual noturno. As tardes (a partir das 17h) serão para dançar, fundamentalmente, danças de roda, aprendendo refrões de canções populares da Arménia e descobrindo a relação entre as letras e os passos de dança.



© D.R.



XILOBALDES © CAROLINE PIMENTA

**Xilobaldes 15 de julho, 17h e 18h**  
**Mala Mágica (Oficinas de Artes Circenses e Capoeira) 16 de julho, 10h e 17h**

Nas performances do grupo Xilobaldes cria-se uma orquestra única e irrepetível recorrendo à participação do público e ao uso de instrumentos construídos com material reciclado. É o que irá acontecer também no Jardim Gulbenkian. Nas sessões da Mala Mágica, orientadas por jovens que integram um projeto social do Chapitô em Centros Educativos, podem experimentar-se os movimentos acrobáticos e de grande agilidade física, com uma musicalidade muito característica, que constituem a Capoeira, uma arte de origem afro-brasileira, hoje reconhecida como património cultural imaterial da humanidade pela UNESCO. As várias técnicas das artes circenses, como o malabarismo, os monociclos e o trapézio, entre outras, também vão animar o Jardim de Verão.

***Speaker's corner***

**Viagem à Arménia 8 de julho**

**Fala Português? 9 de julho**

**Das redes sociais aos comportamentos biológicos 15 julho**

**Um artista em residência no Instituto Gulbenkian de Ciência 16 julho**

Em julho, sempre às 17h, continuam as conversas informais no Sítio da Oliveira, sobre temas que vão da ciência à arte, passando por outros assuntos como a importância de aprender uma língua para a integração social dos estrangeiros. É disso que falarão, em português, Hugo Menino Aguiar, mentor e fundador de vários projetos sociais, e Omid Bahrami, um jovem iraniano que vive em Portugal há 10 anos. Dos reservados da Biblioteca de Arte da Fundação, sairá para o Jardim uma preciosidade com três séculos em que se relata a viagem do botânico francês Joseph Pitton de Tournefort (1656- 1708) por terras da Arménia. Do Instituto Gulbenkian de Ciência, o investigador Luís Rocha vem participar no Jardim de Verão para conversar sobre a forma como a informação partilhada nas redes sociais pode alterar os nossos comportamentos e, em última instância, a nossa individualidade. A última sessão de Speaker's Corner será com Simon Bill, artista residente no Instituto Gulbenkian de Ciência, que falará do impacto que esta experiência teve nas suas pinturas a óleo sob o tema da neuropsicologia da perceção visual.

## A Inclusão de Migrantes e Refugiados: o papel das organizações culturais

*Três casos de estudo em Portugal e seis no exterior, na área dos museus, das bibliotecas e das artes performativas, dão o mote para a publicação que a associação Acesso Cultura acaba de editar em formato digital, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.*

“Quem trabalha na área da Cultura acredita no seu poder em transformar vidas e contribuir para a inclusão e a coesão social, promovendo o conhecimento, o diálogo, a tolerância e o respeito. Por essa razão, quem trabalha neste sector não consegue imaginar de que forma este processo de inclusão poderá acontecer sem a Cultura.” Na introdução ao livro *A Inclusão de Migrantes e Refugiados: o papel das organizações culturais*, a coordenadora da publicação, Maria Vlachou, sintetiza as preocupações cada vez mais urgentes de muitos profissionais do sector cultural que querem dar o seu contributo para a inclusão de migrantes e refugiados, mas não sabem como fazê-lo, nem por onde começar.

É para colmatar esta necessidade que surge esta publicação, servindo de base para desenvolver a reflexão e uma prática mais sustentada pelas organizações culturais. A primeira parte do livro reúne dez entrevistas que constituem testemunhos de profissionais a trabalhar em organizações culturais com muita experiência nesta área: Counterpoints Arts (Reino Unido), Bibliotecas de Roskilde (Dinamarca), NOESIS – Centro de Ciência e Museu de Tecnologia de Salónica (Grécia), Museus Nacionais Liverpool (Reino Unido), Museu Roterdão (Holanda), Projeto Museu da Migração (Reino Unido) e Instituto para a Cidadania Canadiana (Canadá).

Em Portugal, também não faltam exemplos de boas práticas: é o caso do projeto “RefugiActo: a voz e o eco dos refugiados através do teatro”, que surgiu em 2004 no contexto das aulas de língua portuguesa do Conselho Português para os Refugiados e que tem tido o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian através do programa PARTIS – Práticas Artísticas para a Inclusão Social. Trata-se de um grupo de teatro amador, onde se partilham emoções, saberes e experiências, e por onde têm passado pessoas de todo o mundo. Também surgem como referência, no livro, os casos do festival TODOS – Caminhada de Culturas, que tem trabalhado para desenvolver a interculturalidade em Lisboa com recurso às artes, valorizando



MUSEU DE ANTROPOLOGIA NA UNIVERSIDADE DE BRITISH COLUMBIA © INSTITUTE FOR CANADIAN CITIZENSHIP / LISA KING

o seu cariz contemporâneo e comunitário, e o trabalho da Associação Renovar a Mouraria, envolvida no projeto internacional Enciclopédia dos Migrantes: o lado intimista e individual das histórias sobre migração. Esta “enciclopédia”, que divulga “um saber não científico”, foi publicada, em papel e em versão digital, em francês, espanhol, português e inglês, conta com testemunhos de 400 migrantes e nela estão representados 103 países e 74 línguas maternas.

Como sublinha na sua entrevista Almir Koldzic, codiretor da organização Counterpoints Arts: “A diversidade não deve ser vista como um fardo ou um défice, mas como uma força progressiva que, se nos comprometermos com ela, torna as nossas sociedades mais fortes.”

São também disponibilizados nesta publicação um manual com recomendações, produzido pela Associação Alemã de Museus e aqui traduzido para português, bem como contactos de organizações governamentais, do sector cultural, do sector social e da academia, referências bibliográficas e outras informações úteis, para ajudar os profissionais que queiram pensar projetos nesta área a construir melhor as suas ideias, a inspirar-se e a criar ligações e parcerias com outras entidades.

Esta publicação encontra-se disponível para consulta, em português e inglês, no sítio [acessocultura.org](http://acessocultura.org).

# Ambientes

*As palavras de Álvaro de Campos rasgam o silêncio da tarde “Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!”. Entre os patos e o chilrear das aves, a voz humana ecoa os textos de Pessoa e Whitman na clareira deste Jardim de Verão. Como escreveu Eugénio de Andrade “são como um cristal, as palavras”.*

Fotografia de Márcia Lessa





GULBENKIAN.PT

---

Av. de Berna, 45A, 1067-001 Lisboa